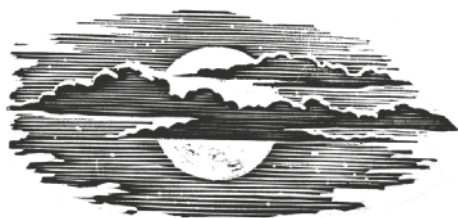


RACHEL JOYCE

O Bizarro Incidente do Tempo Roubado

Tradução de José Vieira de Lima



Prólogo

A adição de tempo



Em 1972, foram acrescentados dois segundos ao tempo. A Grã-Bretanha entrou para o Mercado Comum e «Beg, Steal or Borrow», interpretada pelos The New Seekers, representou o país no Festival da Eurovisão. Os segundos foram acrescentados porque era um ano bissexto e o tempo não estava em consonância com o movimento da Terra. O grupo The New Seekers não venceu o festival, mas isso não teve nada a ver com o movimento da Terra nem com os dois segundos.

A adição de tempo deixou Byron Hemmings apavorado. Aos 11 anos, era um rapaz muito imaginativo. Ficava deitado na cama, a imaginar tal coisa a acontecer e o seu coração batia descompassado. Observava os relógios, tentando apanhá-los a adicionar os dois segundos.

– Quando é que vão acrescentar os dois segundos? – perguntou, certo dia, à mãe.

Ela estava a cortar maçãs em quartos no balcão novo do pequeno-almoço. O sol da manhã entrava pelas portas de vidro em retângulos nítidos.

– Provavelmente quando estivermos a dormir – disse ela.

– A dormir? – As coisas ainda eram piores do que ele pensara.

– Ou talvez quando estivermos acordados.

Ficou com a sensação de que a mãe, na realidade, não sabia.

– Dois segundos não são nada – disse ela com um sorriso. – Vá lá, bebe o teu *Sunquick*. – Os olhos dela eram brilhantes, a saia fora passada a ferro, o cabelo seco com um secador.

Fora o seu amigo James Lowe que lhe falara dos segundos extra. James era o rapaz mais inteligente que Byron conhecia. Lia todos os dias o *The Times*. A adição de dois segundos era extremamente excitante, disse-lhe um dia James. Primeiro, o homem pusera um homem na Lua. Agora, iam alterar o tempo. Mas como é que dois segundos podiam existir onde dois segundos não tinham existido antes? Era como acrescentar alguma coisa que não estava lá, que não existia. Não era seguro. Quando Byron lhe chamou a atenção para isto, James sorriu. Era o progresso, disse ele.

Byron escreveu quatro cartas, uma para o seu deputado local, outra para a NASA, outra para o Livro Guinness dos Recordes e a última para Mr. Roy Castle¹, ao cuidado da BBC. Deu-as à mãe para as pôr no correio, acentuando que eram muito importantes.

Recebeu uma fotografia autografada de Roy Castle e uma brochura profusamente ilustrada sobre a alunagem da Apollo 15, mas não havia nenhuma referência aos dois segundos.

Ao fim de alguns meses, tudo mudara e as mudanças nunca puderam ser corrigidas. Nada podia reparar o erro da mãe. Por toda a casa, relógios, que a mãe, meticulosamente, pusera em tempos a funcionar, marcavam agora horas diferentes. As crianças dormiam quando estavam cansadas e comiam quando tinham fome e dias e dias podiam passar, parecendo todos iguais. Por isso, se dois segundos tinham sido acrescentados a um ano em que um erro fora cometido – um erro tão inesperado que, sem os segundos adicionados, podia não ter acontecido – como é que ele podia censurar a mãe? Não seria a adição do tempo o maior dos males?

¹ Cantor britânico muito popular nos anos 60 e 70. Em 1972, tinha um programa para crianças na BBC. (*N. do T.*)

«Não foi por culpa tua» dizia ele à mãe. No final do verão, ela ia muitas vezes para ao pé do lago, no meio do prado. Nesses dias, era Byron que tinha de fazer o pequeno-almoço; talvez um fino triângulo de queijo espremido entre duas fatias de pão. A mãe sentava-se numa cadeira, fazendo tilintar o gelo no copo enquanto, na outra mão, escorriam as sementes de um tufo de uma erva qualquer. Ao longe, a charneca reluzia sob um véu de uma luz cor de sorvete de limão; fiadas de flores espalhavam-se pelo prado. «Ouviste?» repetia ele, porque ela tinha tendência a esquecer-se de que não estava só. «Foi por eles terem acrescentado tempo. Foi um acidente.»

Ela erguia o queixo. Sorria.

«És um bom miúdo. Obrigada.»

Toda aquela história acontecera por causa de um pequeno lapso no tempo. As repercussões sentiram-se durante muitos, muitos anos. Dos dois rapazes, James e Byron, só um seguiu o caminho traçado. Por vezes, Byron olhava fixamente para o céu sobre a charneca, um céu que vibrava tão desvairadamente de estrelas que a escuridão parecia viva, e ele sofria – sofria pela remoção daqueles dois segundos extra. Sofria pela santidade do tempo como o tempo devia ser.

Se ao menos James nunca lhe tivesse dito nada.

1

Algo de terrível



James Lowe e Byron Hemmings frequentavam a Winston House School porque era privada. Havia outra escola mais perto, mas não era privada; era para toda a gente. Os miúdos que frequentavam essa escola vinham do bairro social de Digby Road. Das janelas de cima do autocarro, atiravam cascas de laranja e beatas de cigarro aos rapazes da Winston House. Os rapazes da Winston House não iam de autocarro. As mães é que os levavam de carro porque a distância ainda era grande.

O futuro dos rapazes da Winston House estava traçado. A história deles tinha um princípio, um meio e um fim. No ano seguinte, fariam o exame de admissão à escola secundária. Os rapazes mais inteligentes ganhavam bolsas de estudo e, aos treze anos, iriam para escolas internas. Falariam com a pronúncia certa e aprenderiam as coisas certas e conheceriam as pessoas certas. Depois, viria Oxford ou Cambridge. Os pais de James estavam a pensar em St. Peter's; os de Byron em Oriel. Seguiriam carreiras em Direito ou na City, na Igreja ou nas Forças Armadas, exatamente como os pais. Um dia, teriam apartamentos em Londres e espaçosas casas de campo onde passariam fins de semana com as mulheres e os filhos.

Era o princípio do mês de junho de 1972. Uma nesga de sol matinal deslizou sob os cortinados azuis do quarto de Byron e escolheu as suas coisas cuidadosamente ordenadas. Havia as *Look and Learn*², encadernadas por ano, o álbum de selos, a pilha, a nova caixa de magia Abracadabra, e o conjunto de química, com a lupa, que recebera pelo Natal. O uniforme da escola fora lavado e passado a ferro pela mãe na noite anterior e estava arrumado numa cadeira de tal maneira que fazia pensar no rapaz que iria vesti-lo. Byron observou tanto o relógio como o despertador. Os ponteiros dos segundos moviam-se regularmente. Atravessando o corredor em silêncio, abriu a porta do quarto da mãe e sentou-se na beira da cama.

Ela estava muito quieta. O cabelo dela parecia folhos louros na almofada e o rosto estremecia de cada vez que respirava, como se ela fosse feita de água. Através da pele, podia ver o azul-púrpura das veias. As mãos de Byron eram macias e cheias como a polpa de um pêssego, mas James já tinha veias, uns fios desmaiados que vinham das articulações e que, um dia, fariam lembrar montanhas, como as veias de um homem.

Às seis e meia, o despertador invadiu o silêncio e os olhos da mãe abriram-se de repente, um tremeluzir de azul.

– Olá, meu querido.

– Estou preocupado – disse Byron.

– Outra vez aquela questão do tempo? – A mãe pegou no copo e no comprimido e engoliu-o com um pouco de água.

– E se eles acrescentarem hoje os dois segundos?

– James também está preocupado?

– Parece-me que já se esqueceu dos segundos.

Ela limpou a boca e ele reparou que ela sorria. Duas covinhas tinham aparecido nas suas faces.

– Isto já aconteceu, Byron. Fazem sempre isto. Virá no jornal, quando acrescentarem os segundos. No *The Times*, vem de certeza. E vão falar disso no *Nationwide*.

– Dá-me dores de cabeça – disse ele.

² Revista educativa semanal para crianças, publicada entre 1962 e 1982. (*N. do T.*)

– Quando acontecer, nem vais dar por isso. Dois segundos não são nada.

Byron sentiu o sangue a ferver. Quase se levantava, mas voltou a sentar-se.

– É que ninguém se apercebe de uma coisa. Dois segundos têm imensa importância. É a diferença entre uma coisa acontecer e uma coisa não acontecer. Basta um passo a mais para uma pessoa cair da falésia. É muito perigoso. – As palavras saíram-lhe como uma torrente.

Ela olhou-o fixamente com o rosto muito franzido, como quando estava a fazer contas.

– Vá, temos mesmo de nos levantar – disse ela.

A mãe afastou os cortinados da janela alta e olhou para a rua. Uma névoa estival espalhava-se, vinda de Cranham Moor, tão espessa que as colinas para lá do jardim pareciam correr o perigo de desaparecer. Deu uma olhadela para o relógio de pulso.

– Faltam vinte e quatro minutos para as sete – disse ela, como se estivesse a informar o relógio da hora certa. Tirou o roupão cor-de-rosa do gancho e foi acordar Lucy.

Quando imaginava o interior da cabeça da mãe, Byron via uma série de pequenas gavetas incrustadas com puxadores decorados com joias, tão delicados que os seus dedos se viam numa aflição para pegar neles. As outras mães não eram como ela. As outras mães usavam blusas de croché sem mangas e saias de folhos e algumas até tinham aderido a uma moda recente, os sapatos de cunha. O pai de Byron preferia que a mulher se vestisse de um modo mais formal. Com as suas saias elegantes e os saltos altos, a mala a condizer e o caderno de notas. Diana fazia com que as outras mulheres parecessem simultaneamente descomunais e mal-arranjadas. Andrea Lowe, a mãe de James, ao pé de Diana Hemmings, parecia uma gigante com uma abundante cabeleira escura. O caderno de Diana continha artigos que ela recortara e colara das páginas das revistas femininas *Good Housekeeping* e *Family Circle*. Tomava nota dos aniversários de que tinha de lembrar-se, das datas importantes em cada período escolar, bem como de receitas, instruções para

a costura, ideias de jardinagem, dicas para penteados, e palavras que nunca tinha ouvido. O caderno abarrotava de sugestões para todo o tipo de melhorias: «22 novos penteados para que você fique ainda mais bonita este verão»; «Prendas feitas com lenços de papel para todas as ocasiões»; «Como aproveitar os restos dos cozinhados»; «i antes de e, exceto depois de c».

– *Elle est la plus belle mère*³ – dizia por vezes James. E, quando o fazia, corava e rendia-se ao silêncio, como que em contemplação de algo sagrado.

Byron vestiu os seus calções de flanela cinzentos e a *T-shirt* de verão. A camisa da escola era quase nova. Era uma trabalhadeira apertar os botões. Depois de ter prendido as meias até ao joelho com ligas feitas em casa, desceu. As paredes, com painéis de madeira, brilhavam escuras como castanhas-da-índia.

– É contigo e só contigo que eu estou a falar, meu querido – entoava a voz da mãe.

Ela estava no outro extremo do corredor, de pé junto à mesa do telefone, já vestida. Ao lado dela, Lucy aguardava que a mãe lhe atasse as tranças com uma fita. O ar tresandava a *Vim* e a cera *Pronto*. Era um cheiro tranquilizante do mesmo modo que o ar fresco era tranquilizante. Quando Byron passou, a mãe beijou as pontas dos dedos e comprimiu-as contra a testa dele. Byron estava quase tão alto como ela.

– Só cá estamos eu e os miúdos – disse a mãe para o bocal. As janelas atrás dela eram de um branco opaco.

Na cozinha, Byron sentou-se ao balcão do pequeno-almoço e desdobrou um guardanapo lavado. A mãe estava a falar com o pai. Ele ligava à mesma hora todas as manhãs, e, todas as manhãs, ela dizia-lhe que estava a escutá-lo atentamente.

– Oh, hoje vou fazer o costume. A casa, o relvado. As limpezas depois do fim de semana. Parece que vem aí calor.

Liberta das mãos da mãe, Lucy correu saltitante até à cozinha e içou-se até ficar bem sentada no seu banco. Inclinou a caixa de cereais *Sugar Stars* sobre a tigela do coelho Peter.

³ Em francês, no original: «Ela é a mais bela das mães». (*N. do T.*)

– Cuidado. Devagar – disse Byron quando a irmã pegou no jarro azul. Observou o fluxo salpicante de leite dos cereais dela. – Ainda entornas o leite – disse ele, mas num tom amável. Ela já tinha entornado o leite.

– Sei muito bem o que estou a fazer, Byron. Não preciso de ajuda. – Todas as palavras de Lucy soavam como pequenas, mas nítidas, agressões. Voltou a pôr o jarro na mesa. Era enorme nas mãos dela. Depois, ergueu um muro de caixas de cereais em torno da tigela. Byron só conseguia ver a crista cor de linho da cabeça dela.

Do corredor, chegou-lhes a voz da mãe.

– Sim, Seymour. Está reluzente. – Byron achou que estavam a falar do Jaguar novo.

– Podes passar-me os *Sugar Stars*, Lucy?

– Os *Sugar Stars* não são para ti. Tu comes a salada de fruta e os *Alpen*, que são muito mais saudáveis.

– Era só para ler o que diz na caixa. Gostava de ver a cara do Sooty⁴.

– Eu estou a ler as caixas.

– Não precisas de as ler todas ao mesmo tempo – disse ele num tom ameno. – E, de qualquer modo, tu não sabes ler, Luce.

– Está tudo em ordem – disse a mãe no corredor. E soltou um risinho alvoroçado.

Byron sentiu uma ferroada quente no estômago. Tentou tirar uma caixa de cereais, apenas uma, antes que Lucy conseguisse detê-lo, mas a mão dela voou no preciso instante em que ele desviava a caixa. O jarro de leite caiu de lado com um ruído retumbante e o chão novo transformou-se de súbito num lago de leite branco e fragmentos azuis de porcelana. Os dois miúdos pararam, horrorizados, a olhar para aquilo. Eram quase horas de lavarem os dentes.

A mãe entrou na cozinha um instante depois.

– Ninguém se mexe! – ordenou. Ergueu as mãos como se estivesse a mandar parar o trânsito. – Podem magoar-se! – Byron ficou tão quieto que o pescoço quase parecia de pedra. Enquanto ela avançava para o armário das limpezas, balouçando nas pontas dos pés, os

⁴ Um ursinho de peluche, personagem de uma série televisiva. (*N. do T.*)

braços estendidos, os dedos apontados, o chão zumbia e estalava sob os seus pés.

– A culpa foi toda tua – disse Lucy.

Diana voltou rapidamente com a esfregona e o balde, mais a pá do lixo e a vassoura. Fez rodopiar a esfregona na água ensaboada e arrastou-a ao longo do charco. Olhando entretanto para o relógio, varreu os fragmentos de porcelana para um sítio seco e, depois, para a pá do lixo. Apanhou os últimos fragmentos com os dedos e atirou-os para o lixo.

– Já está! – disse ela, toda animada. Foi então que reparou na palma da mão esquerda. Riscos carmins deslizavam na direção do pulso.

– Estás com a mão cheia de sangue – disse Lucy, que se sentia simultaneamente aterrada e deliciada com os ferimentos físicos.

– Não é nada – insistiu a mãe, mas o sangue deslizava pelo punho abaixo e, apesar do avental, fizera já várias manchas na batinha da saia. – Ninguém se mexe! – ordenou de novo, virando-se e saindo da cozinha.

– Vamos chegar atrasados – disse Lucy.

– Nós nunca chegamos atrasados – disse Byron. Era uma regra do pai. Um inglês tinha de ser sempre pontual.

Quando reapareceu, Diana vinha com outro vestido, de um tom verde-hortelã, e um casaco de lã a condizer. Pusera uma ligadura em torno da mão, de tal forma que esta parecia uma pequena pata, e pintara os lábios com o seu *bâton* vermelho-morango.

– Porque é que continuam aí sentados? – exclamou.

– Tu disseste para nós não nos mexermos – retorquiu Lucy.

Clip, clip, ecoavam os saltos dos sapatos dela ao longo do corredor enquanto os miúdos corriam atrás dela. Os *blazers* e os chapéus da escola estavam pendurados em ganchos por cima dos sapatos da escola. Diana pegou nos sacos e malas dos filhos e abraçou-os contra o peito.

– Venham – disse.

– Mas nós não lavámos os dentes.

A mãe escusou-se a responder. Num rompante, abriu a porta da frente e disparou na direção do manto de névoa. Byron e Lucy tiveram de correr para a encontrarem.

Lá estava ela, uma vaga silhueta contra a porta da garagem. Olhou para o relógio, o pulso esquerdo apertado entre o polegar e alguns dedos da mão direita, como se o tempo fosse uma pequena célula e ela estivesse a examiná-lo através de um microscópio.

– Não vai haver problema – disse ela. – Se nos apressarmos, compensaremos o tempo perdido.